

DISCURSO
SOBRE AS UTILIDADES DO DESENHO,
DEDICADO
À RAINHA N. SENHORA
POR SEU AUTHOR
JOAQUIM MACHADO DE CASTRO,
PROFESSOR NA ORDEM DE CHRISTO, ESCULTOR DA
CASA REAL, E OBRAS PUBLICAS.
RECITADO PELO MESMO PROFESSOR
NA CASA PIA DO CASTELLO
DE S. JORGE
DE LISBOA

Na presença da maior parte da Corte, e Nobreza,
em 24 de Dezembro de 1787.: dia oitavo
daquelle em que faz Annos

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.

*Citoyens ne soyez point des ingrats. Quand j'écris ce que l'amour
du bien m'inspire songez moins à mon style qu' à mes vœux.*
Mr. De Rozoi. Essai Philosoph. pag. 49.

L I S B O A
NA OFFIC. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impressor do Conselho de Guerra.
M. OCC. LXXXVIII.
Com licença da Real Mesa da Comm. do Geral, sobre o Exame,
e Confirma dos Livros.

SENHORA.

O *CELEBRE* Arquitecto Dinocrates, vendo que não podia conseguir ser apresentado ao Grande Alexandre, para lhe expôr bum projecto notavel, que na idéa concebêra, se valeo da industria de se adornar de modo exquisito, para que

vendo-o de longe o Monarcha , a especção d'bum Ente , na apparencia novo , lhe excitasse o appetite de querer vê-lo.

Eu , seguindo este systema , sendo hum mero Artista , visto apparencias de Litterato para cbegar aos pés do Throno com hum projecto ainda maior que o de Dinocrates.

Aquelle , sendo Arquitecto , propoz ao Soberano fazer huma Estatua de tal grandeza , que em huma de suas mãos se fundasse huma Cidade : eu , sendo Estatuario , proponho a *V. MAGESTADE* hum Edificio vivente , cujas preciosidades se vejam em todo este Reino , e seus vastos Dominios. Edificio tanto mais estimavel que a Estatua de Dinocrates , quanto são de maior valor as instrucções do espirito , sobre o ser que em si contém as producções materiaes.

Para este Edificio , tenbo no seguinte Discurso lavrado a primeira pedra : curvado pois com o seu pezo , e ainda mais com o profundo respeito , me prostro humildemente aos pés do Throno Augusto , offerecendo a *V. MA-
GES-*

GESTADE este esforço do meu espirito.

Reconheço não ser a offerta digna, pela construcção, e desfulinbo com que se acba fabricada; porém como o seu objecto he augmentar os intercesses, e a gloria da Nação Portugueza, estas circumstancias lhe fazem merecer as attenções que não devéra conseguir pelo seu artificio.

O Zelofo Ministro de quem **V. MAGESTADE** tem confiado a Intendencia Geral da Policia dos seus Reinos, promovendo não só os novos exercicios do Desenbo pelo Natural, quer publicar as suas utilidades por meio desta impressão: Elle me incumbio diseorrer sobre este assumpto; Elle me conduz aos Reaes Pés de **V. MAGESTADE** a offerecer este voluntario tributo da minha obrigação.

V. MAGESTADE me tem feito a honra de empregar-me no Seu Real Serviço; e conbecendo eu quanto devo esmerar-me no desempenho do meu emprego, na Casa da Escultura das Obras Publicas occupo os dias exercitando a minha Arte pessoalmente, em tudo o que
me

me permitem os embaraços da mesma Casa ; e dirigindo os Operarios , e Discipulos que ali se empregão nas estatuas , e mais Obras de Escultura , que V MAGESTADE manda se executem.

Das horas pois , AUGUSTISSIMA SENHORA , que me são permittidas para o repouso , emprêgo as que posso em estudar a theorica da minha profissãõ , para melhor conseguir buma pratica bem regulada.

O principal objecto dos meus cuidados , e destes particulares estudos , he servir a V. MAGESTADE o melhor que me for possível , e concorrer com as minhas poucas forças para a utilidade pública.

O seguinte Discurso he fructo destas applicações ; e posto que lbe saltem as bellezas que nelle espalbaria bum bom Orador de profissãõ , vai cheio dos cordeaes affectos com que bum vassallo fiel contempla , venera , e respeita buma SOBERANA de tantas virtudes , quantas o Ceo infundio em V. MAGESTADE.

Com estes puros affectos , com estas sinceras
in-

intenções, AUGUSTISSIMA SENHORA, me prostro com a mais profunda bumildade no pavimento do Solio Augusto, deixando aos Reaes Pés de V. MAGESTADE esta offerta, que sendo pequena, por ser obra minba, não deixa de ser muito grande pelos desejos de que se acompanba.

Sirva-se V. MAGESTADE de aceita-la, como signal do meu zelo, da minba fidelidade, e daquelle filial amor em que os leaes Portuguezes se infiamão pelos seus Augustos Sobe-ranos.

Joaquim Machado de Castro.

PRO-

PROLOGO.

MUITAS , e publicas são as provas que do seu Patriotismo tem dado o Illustrissimo Intendente Geral da Policia destes Reinos , Diogo Ignacio de Pina Manique.

Huma daquellas em que a Patria lhe deve não pequena obrigação , he o utilissimo estabelecimento da Casa Pia ; na qual para regular, e aproveitar mocidade desordenada , e desamparada , erigio varias escolas Civis , e Moraes ; e entre ellas huma Aula de Desenho.

Conhecendo os proveitos deste exercicio , seguiu-se affeição-se delle ; e sabendo que Portugal , entre as Potencias civilizadas era a que unicamente carecia de huma Aula onde se desenhava-se pela Natureza nua , se deliberou a fundar huma Sociedade para este fim ; e teve o zelo de ir pessoalmente buscar os Artistas que julgou poderiaõ regular estes estudos , e convida-los para Directores.

B

Naõ

P R O L O G O.

Naõ parou aqui o seu desvelo: em quanto se preparava Casa para este Congresso, sacrificou a da sua propria residencia a ser o primeiro Seminario deste estudo. Quem lhe disputará a gloria de ser o primeiro Magistrado Portuguez que se deliberou a esta empreza, e por este modo? As Artes do Desenho lha farão immortal.

Em quanto na sua Casa se fizeraõ estes exercicios, elle mesmo assistio todas as noites, tractando, e brindando os applicados com affabilidade, e familiaridade naõ vulgar em pessoas do seu Character; mas de que nos outros Reinos acha exemplos, até nos mais poderosos Scetros; como hei-de mostrar em as Notas do *Discurso*.

O fervor que o mesmo respeitavel Ministro deseja espalhar em toda a Nação Portugueza, para tudo o que he proveitoso ao Estado, o induzio a querer que em público se ouvissem as utilidades que nascem das applicações ao Desenho; destinando huma Sessão
Aca-

P R O L O G O.

Academica, a que a Corte, e Nobreza assistisse, na qual se ponderassem algumas circumstancias das Artes ao Desenho annexas; e onde se vísse em pratica desenhar pelo Natural.

E como se devêsse fazer algum Discurso sobre este objecto, julgando que devia ser Artista o que houvesse de fallar, me fez a honra de eleger-me para taõ ardua empreza; a que fiz alguma resistencia, por me faltarem das Letras os estudos precisos para fallar a hum Auditorio de tanta circunspecção, por todos os motivos.

No exordio do mesmo Discurso declaro as principaes causas de submetter-me a peço desproporcionado ás minhas forças: e além dessas rasoões, para da-lo ao prélo, conduzi-me a obediencia, e alenta-me a certeza de que sobre o assumpto ainda em Portugal se não imprimio nem huma só pälavra.

Sei muito bem que se não produz obra alguma (e em particular na classe das de espirito) que possa avizinhar-se ao perfeito,

P R O L O G O.

sem que seu Author possuua toda a extençaõ theorica da faculdade a que a obra pertence; juntando a estes conhecimentos, continuado exercicio em pratica-los.

Sendo isto certo, que acolhimento poderá encontrar a obra que exponho ao Público, não sendo eu Professor de Rhetorica, nem exercitando as poucas, e tenuíssimas luzes que della tenho?

Porém, não espero que os Sabios olhem para este papel do ponto de vista correspondente á Eloquencia; mas sim do lado que pertence ao Desenho.

O que nunca me poderia vir á idéa, he, que mesmo entre os Artistas haja quem me crimine o desambarço: especialmente attendendo ao motivo que se allega.

Pessoas de credito me dizem haver Professor no Desenho, que sem ver, nem ouvir lêr este papel já me satirizava; dizendo, que *dos Artistas, unieamente se querem as obras materiaes, ou manuaes*: condenando-me igualmente amar os versos.

Ex-

P R O L O G O.

Extravagante capricho ! Esta sentença, prejudica mais quem a profere, que o censurado contra quem se fulmina; pois mostra com evidencia não ter o Calumniador lido Vitruvio, nem outros muitos Artistas que tem escrito com tanto applauso, e proveito das Artes.

Não sabe que os Artistas Gregos escreverão das suas profissões? Ignora, por ventura, o grande numero de Artistas que desde Vitruvio até nossos tempos tambem tem escrito das Artes em verso, e prosa? E que quasi todos recommendão a lição dos Poetas.?

Ora qual será o Artista que nesta lição se não accenda para fazer tambem o seu verso? Se não participar daquelle fogo delicioso; se não se embriagar naquelle nectar Divino (por assim dizer em frase Poetica) dará provas de faltar-lhe o enthusiasmo; as suas produções nunca serão Poeticas; todas apparecerão borrifadas de gêlo.

Mr. Coypel, Pintor que escreveu da sua

Ar-

P R O L O G O.

Arte em verso , e prosa , diz , que o conselho , e approvaçãõ de *Mr. Despreaux* , o induziraõ a publicar os seus escritos. Eu tenho a gloria innocente de poder dizer o mesmo que diz *Coyvel*. Pessoa de Litteratura naõ menor que a de *Boileau* , e de Carac̃ter muito maior , me tem feito iguaes persuasões ; e de varios Sabios mais , sinceros , e bem morigerados , tenho recebido semelhantes favores. Se o meu Critico o duvidar , queira averiguar o ponto , mostrar-lhe-hei documentos que o certifiquem.

Em fim , sem ter visto , como já disse , o Discurso de que se trata , assentou em que seria *irrisorio* : mas , segurando-lhe naõ ser totalmente feixe de tojo , respondeo que *a ser assim, talvez fosse obra d' algum amigo meu*.

Enganou-se : e naõ he de admirar , pensando de tal modo. Consultei , com effeito alguns Amigos que sobre o Desenho , Eloquencia , e outras circunstancias me poderiaõ dizer alguma cousa ; risquei algumas que me advertitaõ ; porẽm na peça naõ se acha huma idẽa ,
hum

P R O L O G O.

hum pensamento, ou huma expressão de talento alheio: e por isso não tem o valor que teria se fosse retocada com penna mais habil: porém assim mesmo quero, persuadido, que me não enriquecem nada os cabedaes que não possuo; e por esta causa, nas obras que derminhas, ninguem poderá com verdade acusar-me de Plagiario, seja escrevendo, esculpindo, ou desenhando.

Criticar desta sorte, qualquer o pôde fazer; o que procede de varias causas pouco occultas; mas não quero eu ser quem lhe especule a origem.

Creio (e sinceramente em público o confesso) que em materia de Eloquencia terá muitas faltas o Discurso mencionado; mas no que respeita ao seu assumpto, segui a Natureza, a Razaõ, e os melhores Mestres destas Artes.

Algumas pessoas o terão notado de extenso. Eu mesmo não deixei de fazer este reparo; e quiz tirar-lhe algumas amplificações

pa-

P R O L O G O.

para refumi-lo mais: porém pessoa intelligente me dissuadio disto, dizendo-me que *em huma Assembléa onde não ha muito em que se empregue o tempo, nem se recitam outros discursos, não he grande aquelle em que se emprega huma bora*: pareceo-me racional a ponderação; especialmente sendo a materia taõ nova, que he a primeira vez que se trata neste Reino.

Naõ foi composto para recitar-se no dia em que se ouviu; nem para fazer commemoração de hum taõ alto objecto, qual he o Anniversario dos feliccs Annos de SUA MAJESTADE; declarando-se-me estas circumstancias mui poucos dias antes daquelle em que devia recitar-se. E se para hum Orador de profissião seria empenho escabroso preparar com tanta presteza cunho differente, que será para hum Artista, salto deste exercicio, e que das suas obrigações não tem de dia nem huma hora livre?

No fim do Discurso, remediei, como foi possível aos meus limitados talentos, fazendo

aos

P R O L O G O.

aos Artistas aquella falla allusiva ao Gruppo de figuras vivas, que haviaõ de servir (como em effeito serviraõ) ao *Acto* de se desenhar: cuja composiçaõ ideei destinada a celebrar o fausto Anniversario Natalicio da Nossa Amabilissima Soberana.

A principal figura deste Gruppo, he a *Virtude*; naõ representada em Hercules: mas (como mais propria para este caso) em huma Heroica Matrona com azas, coroada de louro, ~~armada de lança na maõ direita~~; e com a esquerda elevada segurando huma resplandecente Cifra, composta das principaes letras do Augusto Nome de SUA MAGESTADE.

Esta figura, com o pé direito piza outra que representa o *Tempo*, atropellado a seus pés: e os Genios das tres Artes, *Pintura*, *Escultura*, e *Arquiteclura*, como Agentes da *Virtude* concorrem a impossibilitar o *Tempo* de poder attentar ao Sublime Objecto indicado naquella brilhante Cifra.

A *Escultura*, quebra a fouce ao car-

P R O L O G O.

rancudo *Tempo*. A *Arquitectura*, mostra opprimi-lo com o seu joelho esquerdo sobre a coxa de mesmo velho audaz ; cujos pés se observaõ ligados pela *Pintura*.

Assim como estou certo de me não livrar de censuras , tambem fico persuadido , que os verdadeiros , e imparciaes Patriotas não deixarãõ de louvar (se não as obras) as intenções , e o zelo que as produzirão.

Desejo-vos felicidades.

DIS.

*Si fuera verguença hablar ,
Jepan todos que mas culpa
fuera el daño d'el callar.*

Bolcan. Lib. 1. pag. 24.



DISCURSO
SOBRE AS UTILIDADES
DO
DESENHO.



AÕ he esta a primeira vez, que o Amor obriga a fazer hum sacrificio penoso. Illustrissimos, Excellentissimos, e Sapientissimos Senhores : Amados, e instruidos Collegas : Congresso, Luzido, e Respeitavel.

Naõ he esta a primeira vez, que a hum penoso sacrificio, com força constringe o Amor.

Este Agente, de actividade summa, que tudo humanamente pode, tem muitas vezes transformado as espadas em raios destruidores; as pennas, em luzes brilhantes; e o Occio semolento em sollicitas vigílias.

Quem conduzia os Heroes da Guerra a encarar a Morte rosto a rosto, já nos Theatros de Mar-

te rompendo soberbas Palanges , já desafiando Nep-
tuno.

*Por mares nunca d' antes navegados? **

Quem inflamou esses Espiritos Sublimes, para que no vasto Imperio das Sciencias, e Artes, á custa das maiores fadigas; das mais profundas, e assiduas meditações; das mais escrupulosas, e reiteradas experiencias, tenhão attenuado as proprias forças, e até arriscado a mesma vida, para bem desempenhar as produções preciosas de seus felices Engenhões?

O Amor á Virtude; o Amor a seus Principes; o Amor á Patria; o Amor á Humanidade; e tambem o amar a propria Gloria, tem produzido as immensas maravilhas, que illustraõ o Orbe Politico, e Civil, com os fructos de taõ duros trabalhos.

Hoje tambem o Amor á Virtude; o Amor.... o reverente, e obsequioso Amor justamente devido á nossa Augusta Soberana; o Amor á Patria, e o Amar as Bellas Artes, me conduz ao sacrificio em que me vejo. Sacrificio affaz violento; sacrificio de afflicção, e de receio; sacrificio em fim que faz tremer o espirito, contemplando as elevadas qualidades de taõ distincto Auditorio; a indigencia dos meus debeis talentos; e que em qualquer dos meus estimaveis Collegas, se acha hum Artista instruido a fundamen-

to:

(*) CANT. LULI. CANT. 1. EST. 1.

to da materia que devo tratar, e em que discorreria cada hum d'elles com mais copiosa erudição; mais substancial eloquencia; e mais efficaz energia.

Porém, como venho ser victima do virtuoso Amor que deixo ponderado, e os seus impulsos fôrão mais poderosos que a minha repugnancia; juntando a este honrado motivo a modesta condescendencia com o Patriotismo do Respeitavel Magistrado, que tanto se disvella pela felicidade, e pela gloria da Nação Portugueza; a justiça, que descubro nestas reflexões, me socegou o escrúpulo de parecer temerario, e me persuade, que terá benigna desculpa as mal ordenadas expressões com que pretendo mostrar.

Primeiro.

Serem a Pratica, e conhecimentos do Desenhão, muito uteis, e precisos em todo o estado Civil.

Segundo.

Que para tirar-se verdadeira utilidade nestas applicações, devem ser dirigidas com Bom-gosto, na imitação da Natureza.

E como nos preclaros dotes, e virtudes sublimes deste Conspicuo Anditorio tambem devo esperar benignidade para dar-me attenção, passo a discorrer no proposto assumpto.

Mui-

Muitos seculos ha, que os homens desfructaõ as vantagens, que lhes tem accumulado a faculdade Grafica, ou Delineaçãõ. Dizem que os Egyptios toraõ os primeiros que participaraõ destes interesses; acautelando a confusaõ, que as enchentes do Nilo caulavaõ em seus terrenos; e conservando suas Sciencias, e cousas memoraveis em seus mysteriosos Jeroglyphicos.

Do Egypto passou o estudo do Desenho á Grecia; e desta ao Lacio, onde se conservou, até que as irrupções dos Barbaros pozeraõ tudo em desordem; ficando porém, entre as cinzas algumas pequenas, e amortecidas brazas, que nos fins do seculo decimo terceiro principiaraõ de novo a luzir, e tomar pouco a pouco forças novas, espalhando seus resplandores de sorte, que hoje naõ ha Naçaõ alguma polida, que naõ busque ansiosamente estabelecer Aulas, e Academias das Artes do Desenho.

Este delvélo, como naõ he hum immediato effeito do luxo, mas sim hum delectavel fomento da cultura civil; naõ se pratica unicamente com tanto empenho nas antigas, e opulentas Cortes: a mais moderna de todas na civilidade; as Republicas mais pequenas; as Provincias menos pingues; todas cuidaõ nos progressos do Desenho; todas fazem despezas grandes para que fructifique esta escolhida science.

...
E...

E quem haverá que se persuada, que tão diversos Póvos polidos, onde ha tantos homens profundos nas Sciencias, nas Politicas, todos conspirem mutuamente para taes estabelecimentos, sem outro motivo mais, que hum vaõ capricho de moda?

Naõ Senhores; o motivo he solido: he interessante. A experiencia tem mostrado, a meditação tem desenvolvido as utilidades que destes estudos resultaõ ao Civil, até mesmo no economico.

Para mostrar pois com individuação estas utilidades, permitta-se-me huma paridade, que verse em geral neste Discurso, comparando o Desenho a huma frondosa arvore, cujos vigorosos ramos, viçosas folhas, e salutiferos fructos, se espalhaõ em beneficio de todas as Sciencias, e Artes.

Aspera parece a decisão; porém veremos se achamos para seu apoio algumas provas.

Das instrucções desta faculdade, absolutamente depende o conhecer da configuração, e belleza de todos os corpos; e ainda de muitas cousas puramente espirituas, ou intellectuacs, quando estas se querem expôr aos sentidos em imagens sensiveis: e eis aqui o que faz tão extensa a decisão, que á primeira vista parece affectada.

Na Mathematica estende o Desenho hum de seus ramos, onde tem naõ pequena parte; pois que a Geometria, a Optica, a Prespectiva, e outras

com figuras deliniadas se aprendem , e se praticaõ.

E se com esta Sciencia sublime tem tanta uniaõ, quem lha poderá negar com a Physica , e Historia Natural? considerando a individual applicaçãõ que fazem taõ formosas Irmãs , sobre objectos , que a unitaçãõ do Desenho mais facilmente familiariza; e sem cujo soccorro se naõ poderiaõ conhecer , nem estudar-lhes os seus predicados sem hum desconmodo inexplicavel?

Do ramo que taõ frondosa arvore espalha na Medicina, colhe esta Defensora da Humanidade proveitosissimos fructos: mas naõ seja eu quem os indique ; digaõ-no os que escreverãõ da Anatomia, e da Botanica. Digaõ, digaõ elles os auxilios que acharãõ no Desenho , para promulgar as suas doutrinas, e ainda mesmo quando as estudáraõ.

Se contemplo a Geographia , aqui me descobre o Desenho hum theatro taõ amplo como o Mundo inteiro. Que ramo naõ he este , Senhores , de taõ secunda arvore! Naõ he prodigio da Deliniaçãõ ver no pequeno espaço d'huma folha de papel, todo o Mar com suas Ilhas, Cachopos, e Baixos? Toda a Terra, com a divisaõ de taõ diversos Reinos, e Provincias? As Cidades, os Rios, as Villas? Estar hum homem sentado no seu gabinete com o seu amigo , e dizer-lhe , apontando com o dedo. Aqui venceu o Grande Alfonso a prodigiosa batalha que deu

deu principio á Gloria Portugueza. Ali derramou Alexandre lagrimas , vendo morto seu contendor Dario. Acolá , he o Campo de Cannas , onde Annibal , derrotando Varro , e Emilio , regou as palmas do seu triunfo com o sangue da Nobreza Romana. Por esta róta descobrio Colombo hum Mundo incognito. Aquella , he a que Magalhaës seguiu , quando circumdrou o Globo. Eis-aqui o rumo por onde o Gama foi tocar a meta onde não chegou hum Agostinho; vendo

as Urfas a pezar de Juro

*Banbarem-se nas aguas de Neptuno. **

Não he isto prodigio ? E destes conhecimentos Geographicos , a que tanto concorre o Desenho , que utilidades não tiraõ os Povos , para o Comercio , para a Milicia , e para tecer a Historia ?

A surmofura , e exacção desta efficaz Meſtra moral , não depende (segundo o bom Criterio) de que o Historiador , antes de entrar a delinear o seu quadro narrativo , tenha perfeito conhecimento das Eſtatuas , dos Idolos , do modo de edificar segundo as Epocas , e ordein Chronologica ? Nenhuma destas cousas se pode conhecer bem , sem conhecer bem o Desenho.

Na Jurisprudencia não fallo ; contentando-me com dizer , que os motivos indicados por Vitruvio (1)

(*) Cam. Lus. Can. 5. Ell. 15. (1) Vitruv. Liv. 1. Cap. 1.

para pertender que os Arquitectos a saibão , saõ os mesmos que devem induzir o Jurisconsulto a ter das Bellas Artes conhecimentos sufficientes, para que em mil questões que pode haver tocantes ao Desenho, possa com sabedoria ser competente Juiz, ou vigoroso Patrono.

Pelo que , não he de pequena importancia que as pessoas dedicadas ás Sciencias , tenhaõ sólidos, e claros conhecimentos do Desenho ; pois que de saltarem a varios sabios estas luzes , tem nascido (e podem seguir-se) varios inconvenientes.

Sendo pois o Desenho de tanta utilidade para os Professores das Sciencias, que proveitos, que interesses não resultaõ d'elle ás Artes , e a todas as manufacturas ? Estas qualidades o fazem (como disse) preciso em qualquer Estado onde ha civilidade.

A Pintura, Escultura, e Architectura, saõ as Depositarias dos copiosos fructos destes ramos. Ellas os prodigalizaõ a todas as Artes subalternas , e aos mesmos officios fabris: quanto mais a fundo, e com maior profusaõ derramarem o succo destes fructos , e com quanta maior sede o gostarem aquelles, que precisamente devem nutrir-se d'elle , tanto melhores serão as producções de seus respectivos empregos. Isto he innegavel ; sendo evidente que o Desenho he o vivificador das Artes.

E não he por ventura manifesto a todos, que
da

da perfeição das manufacturas pende a sua copiosa extracção? A Natureza, íntima amiga do bello, a todos move, a todos excita para buscar o mais perfeito.

E de que procede esta perfeição em todo o genero de artefactos das outras Nações? Serão os Italianos, os Francezes, mais homens que os Portuguezes? Serão seus corpos de outra massa, suas Almas alguns Espiritos diferentes? Não Senhores; certamente não. Procede isto, só de se ter entre elles propagado mais o Desenho: e esta propagação he causa de que neste particular fação hum Commercio muito mais activo que o nosso. Donde se tira por legitima consequencia serem os estudos do Desenho de grandissima utilidade, e precisaõ para o Commercio, e para o Estado todo.

Occorre huma dúvida: terá este Clima Lusitano qualidades proprias a produzir Engenhos adaptados a estes estudos? Eu não entro em questões Physicas, que em todo o rigor me não competem: mas a quotidiana experiencia tem mostrado serem os Portuguezes habéis para tudo; e que a sua aptidão não existe em poucos; acha-se em grande numero: falta instruillos; falta anima-los. Fundando-se estas duas grandes bases *Instrucção e Protecção*, não faremos hum Commercio precario, de que os grandes Politicos tanto fogem.

Seria manifesta puerilidade entrar no empenho de provar os interesses que da Naval Architectura tiraõ o Commercio, e a Milícia; e em consequencia, todas as Jerarquias do Estado.

E haverá quem se persuada haverem-se construido bem essas nadantes maquinas, sem Desenho? O Desenho he que dirige o Constructor, para dar-lhes, não sã a formosura que relativamente lhes compete, mas para regular-lhes melhor as suas accomodações, e para dar-lhes huma tal fôrma que seja adaptada a cortar com mais facilidade as aguas, e a serem obedientes ao timaõ, tanto como ás vélas.

Deixo de ponderar as immensas sommas, que só a Pintura, Escultura, e Gravatura tem levado para Italia, e França; tanto pelos Paineis, Estatuas, e Estampas que daquellas Regiões tem sahido para outras, como pelos innumeraveis Viajantes que a ellas vaõ, attrahidos das maravilhas destas Artes; deixando naquelles felices Climas as riquezas que vaõ tributar ao Desenho. E não he isto proveitoso áquelles Estados?

Que direi pois da gloria, aquella honrada gloria que resulta aos mesmos Povos, de que as obras de seus Artistas sejam taes que obriguem Personagens de todas as Jerarquias, a longas, e dispendiosas viagens, só pelo gosto de ver, e contemplar esses portentos d' Arte?

E não são isto verdadeiras, e solidas utilidades? Pois ainda não páram aqui. Ellas não se limitam só aos interesses temporaes; conduzem ás mesmas felicidades eternas; pelos serviços que fazem á Santa Religiaõ que professamos. Na pratica o vemos: e tambem o confirma o Sagrado Concilio Tridentino. (1)

Oh admiravel Desenho! Oh prodigioso competidor da Natureza! Ainda não disse tudo, porque elle he... Mas que digo! Aonde me arrebatava o entusiasmo d' Artista! Fallo eu por ventura em algum Paiz inculto? Quero a caso persuadir alguns Povos insensiveis á razaõ? Terei dũvida se discorro entre Portuguezes, que não só no valor com que tem feito tremer as quatro Partes do Mundo, mas que em tudo tem merecido, e alcançado louvores de todas as Naçoens? E não tenho a honra de me ouvir a Grandeza desta mesma respeitavel Naçaõ, onde se acham os mais vastos conhecimentos? Vacilo? Não. Longe de mim a menor dũvida: e ainda não hesitando, tenho delinquido.

Porem, Senhores, se a debilidade natural merece alguma desculpa, desta fragil Natureza triunfou o Amor do Desenho, e o Zêlo da Patria; estes dous fortes affectos me déram huma tal commoçaõ ao espirito que me cegou, para não ver hum breve espa-

ço que fallava na presença de quem incomparavelmente melhor que eu conhece as verdades, que tenho exposto: este Amor, este Zêlo intercedem por mim para ser (como espero) com benignidade perdoado.

No meu respeitavel Auditorio não se acha, nem hum, daquelles Espiritos grosseiros, que julgaõ o Desenho inutil, e as suas instrucçoens superfluas. Se Portugal por alguns annos se não tem applicado á cultura da frondosa arvore do Desenho, não tem sido por ignorar-lhe a sua utilidade, e precisaõ: os notaveis, successivos, e bem notorios acontecimentos desta Monarchia, tem embaraçado os progressos das Bellas Artes. Ja o Senhor Rey D. Joaõ V. de saudosa memoria, quiz estabelecer-lhes Academia; para o que, chegou a mandar vir de Roma os geços extrahidos das melhores Estatuas que ha naquella Capital do Mundo: a sua perigosa, e em fim mortal molestia, embargou o projecto.

Aquelle immortal Rey, digo, o Senhor D. Jozé I., que sempre vivirá nos coraçõens dos seus Vassallos, pelo Zêlo infaciavel que teve do Bem Público; não fundou quatro Aulas tocantes ao Desenho?

Sua Augustissima Filha, cujo Prudente, Pacifico, e Clementissimo Governo faz a nossa felicidade presente, não dispende quotidianamente avultadíssimas

mas sommas, promovendo a Escultura, a Pintura, e a Architectura? Não fundou outra Aula Pública destes estudos pela sua Real Meza da Commissão Geral?

Os nossos Excellentissimos Grandes, não fazem tacitamente reviver o Edicto da Grecia, mandando instruir seus Illustrissimos filhos nesta faculdade?

Por ventura, não temos a glória de gozar hum Magistrado Politico, de tanto zelo, que ja fundou huma Aula pública de Desenho, e esta Assembléa em que os Artistas applicados se tem juntado, a estudar com toda a individuação a Natureza? Pois para que me canço? Para que sou importuno, em querer persuadir a utilidade, e precisaõ do Desenho? Não: não digo mais neste ponto. Direi fim, que *para tirar-se verdadeira utilidade nestas applicações, devem ser dirigidas com Bom-Gosto na imitação da Natureza.*

Ja demonstrei, do modo possível a minha incapacidade, e attendendo a não ser prolixo, que aos Professores das Sciencias he muito util conhecer bem o Desenho. Agora digo, que para os Artistas (especialmente Pintores, e Escultores) o praticarem com *Bom-Gosto*, na imitação da Natureza, além do Genio adaptado, com assíduos estudos praticos, precisam ter noções de todas as Sciencias; de todas as Artes.

Dizia Pamphilo , Mestre de Apelles, que o *Pintor deve não ignorar cousa alguma.* (1)

Descrivendo Vitruvio as qualidades que deve ter o Arquitecto diz, que elle *he obrigado a saber escrever* : isto he (segundo os seus interpretes) saber ordenar com bom methodo a sua escrita : *deve saber desenhar ; ter grande conbecimento da Geometria , Optica , e Aritbmetica ; saber muito da Historia ; ser profundo na Pbilosophia ; não ignorar a Musica , e ter sua tintura da Medicina , Jurisprudencia , e Astronomia.* E declara as razoens que para isto ha , no Capitulo primeiro do seu primeiro Livro.

Entre Pintores, e Escultores, ainda athé agora não houve algum de boa reputaçã (2) que não fosse tambem Arquitecto; não só pela uniaõ que tem estas Artes entre si, e procederem todas dos meismos principios; como por terem os Pintores, e Escultores muitas occasioens de intruduzir nos seus quadros, e baixos-relevos, Porticos, Fachadas, Colunas, e todas as mais peças, filhas da Architectura.

Aqui temos o Pintor, e Escultor completos, sabendo Architectura; e em consequencia unidos com as instrucçoens que Vitruvio quer no Arquitecto.

Mas a Pintura, e Escultura sabõ mais sequiosas : ainda não mitigam a sua sede na profusaõ de taõ claras fontes.

He

(1) Plin. Lib. 35. Cap. 10. (2) Carducho. Dialogos de la Pint. Dialogo 2. pag. 31 reverso.

He possível! Pois abrangendo a Architectura tamanho espaço como o seu Chefe lhe determina, ainda as duas Irmãs gêmeas se não contentam com igual Patrimonio? Ainda querem ambito mais dilatado? Sim Senhores. E não as move ambição; mas sim beneficencia.

Ellas são mais instructivas; ellas fallam mais em particular ao coração humano: e por esta causa, alem de lhes pertencerem as mencionadas instrucções do Architecto, pelos motivos que declara o Author Latino, e outras razoens mais; precisam tambem gostar a Rhetorica: não só para que as suas Imagens, e representações exprimam bem os affectos do animo, porém, para que os movam nos espectadores.

Tem obrigação de identificar-se com a Poesia; para revestiir os assumptos de huma tal harmonia, que ainda sendo as idéas antigas pareçam novas; dar-lhes huma tal graça, tal viveza, que o marmore, o bronze, e a tella pareçam fallar, e mover-se: em fim, encher-se daquelle fogo, daquelle enthusiasmo, que fez dizer a Ovidio: *Deos está em nós.* (1)

Para se secundarem, são conduzidas a divertir-se no jardim da Mythologia; pelos innumeraveis, e moraes assumptos que lhes ministra a Fabula: a navegar com a Iconologia, para sondar bem de que

modo personalizará as Virtudes, os vícios, e outras muitas Imagens, que não obstante serem fantásticas, contem muita Doutrina.

Devem praticar com a Theologia; para guardar a decencia e relação devida, na variedade, e multidão de assumptos Sacros, que representam; tocantes ao Novo, e Velho Testamentos; aos Mysterios, aos Sacramentos: para o que, não basta qualquer sciencia adquirida, precisam de intelligencia inspirada. (1)

Carecem discorrer com a Chronologia, para distinguir os tempos, e conhecer os diversos usos de vestir nas classes secular, e sacerdotal; as maneiras de mobiliar nos differentes seculos; as configurações dos instrumentos, nos Sacrificios, na Milicia, na Agricultura, e . . . Em summa, torno a unir-me com Pamphilo, e a dizer com elle *devem saber tudo*.

Oh Artes preciosissimas! Quam mal vos conhece quem vos não tracta, e aos vossos bons Profellores, como vós mereceis ser tratadas! Quantos, e quantos olham para os vossos filhos como para qualquer homem fabril! Sem conhecer, sem reparar que desacreditam os seus proprios juizos em ignorarem, que em vós, o'essencial todo he scientifico, todo Philosophico.

Philosophico disse? Sim, Philosophico. E de tra-

(1) Veja-se o Exodo, Cap. 31.

tratar o Desenho com Philosophia , he que procede apparecer nelle o *Bom-Gosto*, e resultarem delle as utilidades que deixo referidas.

O *Bom-Gosto* no Desenho, Senhores (e creyo que em tudo) *consiste na justa conformidade que as cousas tem com a sua destinaçaõ; sem faltar-lhes o preciso, nem conterem o superfluo.*

Deve-se pois considerar esta faculdade d' Alma, em dous estados : hum de julgar , outro de praticar. O primeiro pode-se achar sem o segundo, posto que raras vezes ; este porem, nunca pode existir sem o primeiro. E em ambos es estados he impossivel achar-se a faculdade do *Bom-Gosto* sem hum perfeito conhecimento da cousa que se julga , ou executa ; juntando a este conhecimento muitas meditaçoens Philosophicas , para indagar no seyo da Natureza , aonde reside a Verdade , o Bello , e o Util.

Nestes termos, sendo tantas, e taõ diversas as producçoens daquella Mãi secundissima, e tendo-as o Desenho todas por objectos seus, a principal, e mais bella, e a mais instructiva he o homem, por ser semelhante a Deos ; pois que o mesmo Deos disse : *Façamos o homem á nossa Imagem, e semelhança.* (1)

E posto que esta semelhança consista essencia-

(1) Gen. 1. 26.

almente no Espirito, nessa mesma espiritalidade tem o Desenho tanta parte, que na expressãõ do espirital reside a sua sublimidade.

Se hum pintor ou Escultor exprime qualquer affecto com frieza, falta-lhe o que a paixãõ requer; e por conseguinte não chegou ao *Bom-Gosto*. Se representa esse affecto com exageraçãõ, excede os limites; tem o superfluo; deixou a perder de vista o *Bom-Gosto*. Se nos fugeitos que imita não mostra com verdade os caracteres que lhes competem, não tem conformidade, nem se lhes acha o *Bom-Gosto*.

Não he isto Philosophia? Sondar o coraçãõ humano! Conhecer-lhe os seus affectos! Contemplar continuamente a Natureza! Estar sempre vigiando que movimentos, e gestos produzem o Amor, o Odio, a Ira, a Paciencia, a Soberba, a Humildade!

Não requerem estas circumstancias hum estudo particular da Phisionomia? Pois ainda essa não he bastante; porque todos os membros do corpo concorrem para a boa expressãõ: até o mesmo arrançamento das vestes comque as figuras se adornam.

Sem inuito genio, muito estudo, e muito philosophar nestas circumstancias, como desempenhará qualquer Artista huma representaçãõ viva e fiel do Conselho em que o Immortal D. Joãõ I. porpoz a rezistencia que se devia fazer ás forças de Castella? O receio de huns? A parcialidade de outros? A grande-

za d' animo d' aquelle Principe! O zelo, a lealdade , o valor de D. Nuno Alvares Pereira , com
A mão na espada irado, e não facundo
Ameaçando a terra, o mar, e o Mundo! *

Como exprimirá a casta sê conjugal da constante Susanna ? A sua desconfiança dos homens ? A firme esperança no Omnipotente ? A torpe, e fraudulenta malicia dos nefandos Accusadores ? A santa e zelosa intrepidez do mancebo Daniel , para salvar a innocencia ? A surpresa, e admiração do Povo , á vista da repentina mudança de taõ pathetica scena; mudança produzida pela heroica liberdade de hum Profeta, por tal ainda não conhecido ? (1)

Naõ se acha ainda hoje em Roma, excitando o affombro de todas as Nações , a famosa estatua de Laocoonte , onde os seus primorosos Artistas exprimirão de tal modo a dôr , e agitação , que os espectadores páraõ... esperaõ para o ver levantar ! Attendem... escutaõ para ouvir-lhe os gemidos !

Eis-aqui levado ao seu auge o *Bom-Gosto*, na imitação da Natureza.

Quanto até agora tenho dito do *Bom-Gosto*, que no Desenho produz esta sábia imitação, pertence mais ao espirito, que á materia. Porém como da disposição material depende aquella especie de illusão,

* Cam. Lus. Cant. 4. est. 14. (1) Dani. 13.

são , que em certo modo faz persuadir terem vida huns corpos , que realmente são inanimados , também devo mostrar , com a brevidade possível , como a materia se deve dispôr na imitação da Natureza , com *Bom-Gosto*.

Da perfeição das fórmãs em particular , e da boa relação que em geral tem com o seu todo , he que procede a belleza de qualquer corpo. Esta formosura não deve ser arbitraria ; mas sempre subordinada ás leis da Natureza. E onde existe essa Natureza de formosura completa? Achou-se na Sagrada Humanidade de Christo : piamente devemos crer , que em sua Virginal Mãi ; e com bons fundamentos se julga que em nossos primeiros País ; sendo modelados em barro pela Sabedoria Increada , *Immensa* , e *Infinita*

O crime do primeiro homem , produzindo a desordem total de toda a Natureza , foi causa de que a humana Razaõ perdesse em parte o nobre Imperio que sobre as paixões gozava : e como alterando-se os humores ficáraõ sem a sua perfeita regularidade , diversificaraõ-se os costumes , multiplicaraõ-se os vicios , introduziraõ-se as *modas* , que em todos os Seculos , em todos os Paizes tem levado a geraçaõ humana , em ambos os Séxos , a dar tratos a si mesmos para se afeiarem , só por se conformar com a *moda*. E de tudo isto procede não se achar huma só pessoa em todas as suas fórmãs bella.

Imi-

Imitaremos pois a Natureza como casualmente a encontrámos? Não: pois nesse caso, não attendemos á *conformidade*; saltámos ao *precizo*; e adoptamos o *superfluo*; e em consequencia, não atinámos com o *Bom-Gosto*.

Valha-me o Ceo! Pois se a Natureza he a verdadeira Meítra, se devemos seguilla com a mais escrupulosa exacção, e nella se não acha essa completa formosura em que reside o *Bom-Gosto*, como se haõ de fazer estes estudos, para conseguir o fim que desejamos? Responda por mim o intelligente *Du-Fresnoy*. Eu lhe ouço dizer: *A escolha da Natureza, deve ser conforme ao Gosto dos Antigos Gregos, e Romanos.* (1)

A razão he esta: aquelles grandes Homens, não se valiaõ de hum só exemplar natural, mas fim de muitos; copiando de cada hum, a parte que lhe achavaõ mais bella, para compor hum todo perfeito. E eis-aqui o *Bom-Gosto* na imitação das fórmãs, ou do material da Natureza: a que *Mengs*, chama *Belleza ideal*; e *Cochin* *Belleza de reuniaõ*.

A maxima de imitar o *Antigo*, he já muito vulgar entre os Artistas; e debaixo do especial titulo de *Grandioso*, muitos sem philosophar na mesma imitação das fórmãs, para seguir o grande estilo dos An-
F ti-

(1) Arte della Pittura. Precepto I. del Bello. Edic. Itali. in Roma 1755.

tigos , em toda a qualidade de sujeitos as decidem membrudas , e pesadas ; sem reflectir , que a musculatura d' hum Anteo , não convém a hum Adonis.

Sabios Gregos , assim he que vós imitaveis ? Por ventura reunieis vós o *Bello* para o empregar com indifferença ? Não fazieis concretos distinctos do *Grandioso* gentil , e do *Grandioso* robusto ? E de que serve acordar os que dormem ? Deixai-vos estar nos vossos Elyseos. Cá temos as vossas obras. Consulte-se o *Apollo de Belveder* ; attenda-se a *Venus de Medeis* ; repare-se no *Hercules Farnesiano* , e outras.

Estas bellas estatuas mostram como aquellas immortaes Artistas , empregavaõ o gentil mais bello , e o membrudo mais perfeito conformando-se aos sujeitos que representavaõ.

Nesta imitação das naturaes bellezas , reunidas , e conformes aos caracteres que representaõ , he que os Artistas , e os que aspiraõ a conhecedores destas Artes , devem estabelecer o alvo das suas miras ; dando costas ao *amaneirado* , e sem espirito de Eschola.

Este louco enthusiasmo Escholastico ; este verdadeiro , e detestavel fanatismo dos estudos , he pai da Soberba , nutridor da Ignorancia , e parcial intimo da Insolencia. Em qualquer se revestindo deste ridi-

culo capricho, já despreza todos os que não seguem a sua Seita; persuadindo-se que por ter sido Discipulo de tal, ou tal Mestre se acha constituido supremo Legislador da faculdade que professa; e decisivo Constraite dos talentos alheios; espcialmente daquelles que emanaráo d'outra Eschola: sem conhecer que o Mestre, por admiravel que seja, podendo ministrar instrucções, não pode infundir talentos a quem os negou a Natureza; ou illustrallos a quem os envolve na ociosidade, e desordenados abusos.

Quantos Rafaeis sahírao da Eschola de Rafael? Quantos Buonarotas da de Miguel Angelo? E quantos Paladios produzio Paladio? Pois se estas verdades são manifestas, de que me serve encher a boca de Volpato, contar-me na Genealogia Escholastica de Ticiano, e ostentar descendencia de Rusconi, se eu não esculpo como este; não pinto como aquelle; nem sei gravar como o outro?

Longe, longe de nós a paixão de Eschola: os possessos de tal espirito, logo mostraõ as contorções da Soberba, as visagens da Ignorancia, e o orgulho da Insolencia.

A Natureza, meus amados Collegas, a bella Natureza he que deve ser a nossa Guia. E não só na Pintura, e Escultura; mas tambem na Architectura.

Não faltará quem julgue incompativel com a

Arquitectura a ponderada imitação; por serem as produções desta bella Arte, huns corpos em que se não finge vitalidade: porém o Imperio da Natureza he tão dilatado, e influe tanto nas obras em que tem parte o espirito humano, que faz com que a Architectura tambem falle.

Quando vemos hum Palacio grande, elle nos diz que o seu morador não he pequeno: quando lhe indagamos as suas Cameras, Antecameras, officinas, e accomodações, elle nos declara a capacidade do Architecto: quando reparamos nas suas proporções, ornatos, elle nos patentea a Sciencia, e Gosto de seu Artista. E não he isto fallar, ainda que sem linguagem?

As proporções dos membros da Architectura da Symmetria humana são tiradas: Vitruvio o confessa, (1) e nenhum dos que escreverão depois d'elle o tem negado: para o que, consulte-se Paladio, veja-se Escamozzi, attenda-se Vinhola, Serlio, Alberti, &c.

No modo de organizar os seus membros, tambem na fabrica do homem acha o melhor modelo: este he o seu exemplar sublime, cuja imitação deve ser philosophando. E porque os admiraveis Antigos desta sorte he que imitáráo, não se serviráo das Ordens indistinctamente, nos Templos que erigiráo ás
su-

(1) Liv. III. Cap. 1. e Liv. IV. Cap. 1.

suas fabulosas Deidades, e nos mais Edifícios: (1) considerando a distincão de cada hum, para lhe applicarem a ordem competente: e quando a occasião pedia o concurso de varias, collocavaõ cada huma no seu devido lugar, levantando o *Bom-Gosto* da imitaçãõ espiritual, ou philosophica ao seu verdadeiro ponto.

Na imitaçãõ material, consideravaõ os principios desta Arte para naõ se apartar delles: naõ lhes esquecia que a Natureza, logo na infancia do Mundo ensinou os homens a precaver-se contra as injurias dos tempos; e que para este fim, aquelles primeiros habitantes da Terra, fizeraõ choupanas, (2) e depois casas de madeira (3) para se abrigarem; em cuja construcçãõ, para pode-las elevar, e segurar, se valéraõ dos troncos das arvores. Aqui temos a origem das columnas, e pilares. (4) E todos os mais membros da Architectura procedem por linha recta daquelles principios, ainda que rudes.

Entrou a policiar-se o Mundo, a ter augmento o luxo, a espalhar-se a pompa, e por conseguinte a desenvolver-se a Arte, e a cuidar-se no augmento destes pimpolhos naturaes; reduzindo tudo a regras, mas sem afastar os olhos da Progenitora (5).

Ora

(1) Vitruv. Liv. I. Cap. 3. (2) Vitruv. Liv. II. Cap. 1. (3) Liv. IV. Cap. 2. (4) Boffrand. Liv. d' Archi. Disserto. Sur le Bon-Goust. pag. 5. E Bardon, de Cestime, Redigee par Cochin. Part. II. pag. 37. (5) Bardon. Part. I. pag. 9.

Ora, se naquelle modo primeiro de construir, cortassem qualquer das varas horizontaes que ligavaõ os páos de prumo, não faltaria a solidez? Pois se as Cimalthas não representaõ outra cousa, senão aquellas traves de ligação (adornadas) para que lhes cortaõ, e rompem não só os frizos, mas as arquitraves, e cornijas; já introduzindo-lhes janellas, já fazendo-as dar seus giros? Isto, he não conhecer, ou desprezar os principios: isto, he faltar ao *Bom-Gosto*, por se voltarem as costas á Natureza.

Se esta grande Mestre ensina que sejaõ os Tympanos formados com tres linhas rectas em triangulo, sendo a da base horisontal; para que he fazer-lhes as linhas dos lados tortuosas? Os que tem paixãõ por este gosto, saõ comprehendidos na irrisãõ que d'elles faz o Sabio, e judicioso Critico das Bellas Artes *Mr. Cochin*, dizendo, *que ostentaõ ter aprendido Architectura com Mestres de escripta, pois que tanto se empenhaõ em fazer ésses* (1).

Pelo que respeita aos ornatos de folhagens, e outros, na sua distribuiçaõ, e escolha, tambem se deve consultar aquella Mãe fecunda.

O mais rico, e o mais bello que até agora tem adoptado a Architectura, he o Capitel Corinthio: e quem o inventou? A Natureza. A Natureza he que o mostrou a *Calímaco*; historia bem sabida,

(1) Cochin. *Oeuvres Diverses*. T. I. pag. 5.

bida, e taõ cheia de graças , como se achãõ no mesmo Capitel de Acantho.

Tocante á distribuiçaõ , creio que todos concordãõ em que a parte mais bella que o Sabio Omnipotente formou em nossos semblantes, sãõ os olhos: e com tudo, se figurar-mos hum rosto introduzindo-lhe tres, darã indicios d'hum Argos monstruoso: se lhe puzermos hum só, faremos hum medonho Polyphemo.

Tudo isto prova, que em conformar com objecto; em cumprir o que he devido; e em refutar o excessivo, temos achado o *Bom-Gosto* no Desenho; naõ dando hum passo, que naõ seja pela mão da Sabia Natureza.

Destã sorte he que os admiraveis Gregos desenvolveã as Artes. E de se conformarem tanto com aquella Mestre Doutissima naõ lhes tem resultado a gloria de serem nas Letras, e Artes os luminares magnos, de que naõ apartaã os olhos os homens de bom senso? Para o que, eu corro a cortina á Historia, com o fim de mostrar della hum quadro resumido, e agradavel.

Vejaõ Senhores, que o objecto principal desta composiçaõ Pictoria, he a Natureza sobre hum simples, mas nobre, e rico pedestal: e as Personagens que lhe fazem corte, sãõ os Sabios que nas Sciencias, e Artes existiraã depois da florente Grecia.

Es.

Estes gruppos do lado direito são os Literatos: e reparo que todos tem medalhas pendentas ao peito, com effigies. Aqui se mostra Virgilio, que na sua medalha tem o retrato d'Homero. Logo divisamos Cicero, com a imagem de Demosthenes. Lá se vê Sallustio, e na medalha tem esculpido Thucydides. Indaguem-se os mais, que eu passo a ver os Artistas.

Naõ he aquelle Rafael, acompanhado com Ticiano, e Corregio? Lá vejo tambem os nobres Gran-Vasco, Fernan-Gomes, e Vieira, com outros mais de varias Nações. Naõ são estes Buonarroti, Algardi, e Puget? E se me naõ engano, entre outros grandes Escultores de diversos Paizes apparece o Portuguez Manoel Pereira, de quem se utilizou Castella, e naõ a sua propria Patria!

Naõ repáraõ Senhores, como todos estão empregados em estudar as Estatuas Gregas, e por ellas o reunido bello da Natureza?

Mas quem será este que vejo sentado sobre huma pedra quadrada, simbolo da estabilidade? Este? He o Pai dos Arquitectos, o grande Vitruvio!

Ora note-se como elle acompanhado de Paladio, Le Roy, e outros estão attentamente vendo as plantas, e alfados dos Edificios da Grecia. Agora advirto.... Que letras de ouro scrã estas na lapida

da em que se acha sentado Vitruvio ? A Inscriptão diz : *Ou Grego , ou Barbaro.*

Ah ! . . . Isto me faz levantar a voz , pelo bem , pelo credito da minha amada Nação ! Eu dezejo gritar até pelas ruas : mesmo nas praças. Eu pugno pelo vossio proprio credito , ó vós quem quer que sois de sentimentos contrarios. Se me quereis ser ingratos sêde-o muito embora ; que eu clamo pela gloria da Patria ; grito , pela vossa mesma reputação. Sejaõ sãs as minhas intenções ; proceda eu bem ; aqui tendes o peito.

Mas lembro-vos , que no estudo das Bellas Artes não ha senão dous systemas , *Ou Grego , ou Barbaro.* Segui aquelle que mais se conformar com as vossas inclinações , com a vossa instrucção , e com o vosso juizo. A' natureza , nenhuma pessoa cordata nega a maternidade ; nem aos Gregos terem melhor que ninguem sabido seguilla , e reunir-lhe as suas bellezas dispersas.

E como a figura do homem he onde se achaõ as mais attendiveis perfeições naturaes , a este estudo devêmos dirigir os nossos disvêlos. Para este fim estabelecco esta Sociedade , o Illustre Magistrado que a protege ; para este fim , honra com a maior benevolencia os Artistas que escolheo para Directores ; e para este fim acolhe com a mais terna humanidade os concurrentes que vê applicarem-se : persuadido , com justa causa , que o exacto , e assiduo estudo

do da configuração humana, he o manancial do *Bom-Gosto*, em todas as Artes, em todas as manufacturas.

Nesta delineaçãõ pois, tal qual, da secundissima arvore do Defenho, se tem visto como os seus fructos saõ saborosos ás Sciencias, pois que ministraõ aos seus Professores muitos conhecimentos, facilitando-lhes os progressos das suas applicações. Saõ proveitosos á Milicia, mostrando-lhe pelos Mappas geraes, e particulares, os lugares proprios para Marchas, e Contra-marchas; para conhecer a fortaleza das Praças, por onde se faráõ os aproxes; os ataques, e outras mil precisões.

Saõ uteis ao Commercio, que para os seus transportes, pelas delineações Geographicas conhece os Pórtos; os baixos no mar; os caminhos na terra; pela Architectura Naval; e pela perfeiçãõ das manufacturas: das quaes, ainda que se naõ tire outro proveito mais, que naõ carecer das alheias, he interesse muito consideravel para o Estado, naõ dar ouro por generos, cujo maior valor consiste na industria: nutrindo desta sorte a estranha, e deixando mirrar a propria sem alimento.

Por estes motivos, todo o Estado em que ha Civilidade, se deve disvelar na cultura desta proveitosa Arvore; naõ só para que os seus fructos sejaõ copiosos, mas para que tenhaõ *Bom Gosto*, e sejaõ

salutiferos ; extrahindo o seu substancial succo daquelle doce Mãi , a Natureza.

E para que este utilissimo projecto não fique só em palavras, Illustrissimos, e Excellentissimos Senhores, o Desenho implora a sublime Protecção de Vossas Excellencias ; os Interesses do Estado o pedem ; e a Honra da Nação por isto clama.

A'quella Grande Personagem do Real Sangue Portuguez , que empunhando o Bastão de Marte , sabe unir-lhe as delicias das Musas , deve a Patria já hum Areopago de Sciencias ; falta-nos huma Basilica das Bellas Artes, onde se faça justiça ao *Bom-Gosto*, que tendo recebido tantos insultos , suspira pela satisfação delles.

Esta applicação em que a Natureza humana se estuda nãa, he bella, he muito proveitosa, he admiravel : todas as cultas Nações tem destas Aulas , e multiplicadas : mas isto não basta. He preciso que os Artistas se juntem nas Sessões das Allemléas Academicas , para propôr o bom ; para refutar o máo.

As outras Nações , fazendo honroso conceito de varias boas qualidades que possuem os Portuguezes , julgaõ-nos sem tino para as Artes do Desenho. Isto he insulto ! Não posso ver o nome Portuguez abatido em classe alguma. Arde-me o coração no peito ! Pula . . . Quer . . . Heroes Portuguezes ; Almas felices que habitaes o Templo da Memoria ;

Albuquerque terrivel, Castro forte,

*E outros em quem poder não teve a Morte, **

Vinde; vinde defrontar a Patria: vinde augmentar a Gloria á nossa AUGUSTA.

Mas... Que me representa a fantasia? Parece-me que vejo aquelles brilhantes Astros, e lhes ouço dizer: *Lá tens os nossos Descendentes.*

Pois Excellentissimos Senhores, os seus Maiores, remettem a causa ás reflexões de Vossas Excellencias, e ao seu Patrocinio. A presente felicidade Portugueza, consiste essencialmente em sermos governados por huma Benefica MINERVA, Protectora das Sciencias, e que não duvidará de o ser das Artes; e muito em particular das do Desenho; tendo-o já honrado com a sua Real applicação, e vendo as utilidades quo d'elle resulta, e se diffundirão nos seus vastos Dominios; utilidades que até se manifesta em propagar, e augmentar os bons costumes dos Cidadãos; como já tem demonstrado varios Doutos. E que vantagem não he esta? Morigerar bem hum Povo! Dignem-se Senhores, dignem-se Vossas Excellencias de tomar a si a causa da Nação toda, expondo-a (mesmo sem enseites) na Real Presença.

O Respeitavel Magistrado que com tanta Sabe-doria, e Zêlo, rege a Policia destes Reinos, tem dado repetidas provas do fervor com que se interes-

sa

* Cam. Laf. Cant. I. Est. IV.

sa pelas utilidades do Estado , e pela gloria da Nação : porém hum homem só , ainda que valente , não pode tudo. Hum Atlante dá-la com a Esphera de aveço a não juntar-se-lhe hum Alcides; porque a virtude unida augmenta as forças. Dignem-se Vossas Excellencias de prestar as suas, que eu auguro á Patria os progressos do Desenho , com as utilidades que delle emanaõ.

E vós , amados Collegas , bem sabeis que as nossas Artes tem o poder de immortalizar os Heroes. Quebrai ao voraz Tempo a souce devoradora. Hoje he o dia outavo daquelle , em que os Portuguezes todos se transportaõ de júbilo na celebração do Faustissimo Nascimento da nossa AUGUSTA SOBERANA. Enchei-vos de fogo , para deixardes á Posteridade as suas venerandas Imagens. Philosophai bem , para exprimirdes nesses sublimes Simulachros , a Magestade junta com a Clemencia ; a Politica , unida com a Religiaõ ; e em fim , todas as Virtudes na mais perfeita harmonia : para que depois de termos logrado a doçura de seu suavissimo Governo por dilatadissimos annos , e aquella AUGUSTA MAY de seus Povos , chegue a gozar o premio da Vilaõ Beatifica , vejaõ os nossos vindouros nas vossas delineações o justo motivo de invejarem a nossa presente ventura.

Disse.

NO-

NOTAS
DO
DISCURSO
SOBRE AS UTILIDADES
DO
DESENHO.

NOTA I. pag. 8 *Tem nascido. (e. podem seguir-se) varios inconvenientes &c.* Pode haver quem diga, que em qualquer Professor desta, ou daquela Sciencia, se vendo em casos que precise fallar, ou julgar a respeito do *Desenho*, e faltando-lhe cabal instrucção delle, a pode supprir informando-se com os seus Artistas: mas quem na balança da razão péza fielmente as deliberações que procedem da informação com as que nascem do proprio, e sólido conhecimento, acha huma differença consideravel. O mesmo digo dos Artistas; a respeito dos quaes, veja-se a Nota V.

Nota II. pag. 10. *Enad he isto proveitoso daquelles Estados?* Os Naturaes de *Cnido* possuaõ huma estatua de *Venus* feita por *Praxiteles*, a qual lhes quiz comprar o Rey *Nicomedes*, offerecendo-lhes por ella pagar todas as dividas da Cidade. *Plin. Lib. 36.*

Nota

Nota III. pag. 9 *Instrucção, e Protecção*. Sem protecção, ninguém espere progressos em estabelecimento algum; seja nas Sciencias, na Milicia, nas Artes, &c. Diz *Muratori* (Primi Disegni della Republica Letteraria pag. 44.) que a esperança do premio he a nutridora dos Engenheiros, he o mais poderoso estimulo das famosas empresas. Nas honras, nos Empregos Públicos, na gloria, no acrescentamento das commodidades da vida, da fortuna, e em outras cousas se pode considerar este premio. Bem moderna he a feliz revolução que fez em toda a França, a efficacia com que o grande *Colbert* protegia o mercceimento em todas as classes. E em todo o Mundo se vio sempre, que nos tempos de poderosos, e efficazes Protectores, he que apparecêrao mais homens dignos da immortalidade. A Natureza em todos os homens he a mesma.

Como haõ-de os Professores de Artes taõ difficeis, querer consumir-se em taõ laboriosos estudos, naquelle Estado em que se virem confundidos com a plebe, e submergidos na indigencia? Alguns Espiritos superficiaes, possuidos de huma generosidade cheia de affectação, dizem que as almas nobres saõ desinteressadas. Mas se meditarem bem, e despirem todo o amor-proprio naõ acharaõ em si essa desinteresse. O mencionado *Muratori* (nas suas *Reflessioni sopra il Buon-Gusto*. Part. II. pag. 19.) diz que todas os homens por diversos modos tendem ao interesse.

Hum Sábio Patricio nosso, amante do Desenho, conhecendo esta verdade, por ser tamanho Filosofo como Jurisconsulto, diz *Houvéraõ Apelles, Rafaeis, Buonarrotas, Ticianos, Rubens, Daretos, Brandinelles, e outros*

varões insignes nos seus seculos . . . porque tiveram Alexandres, Summos Pontifices Leões, Pios, Duques de Florença, Carlos V., Filippes, &c. Jozé Gomes da Cruz. *Carta Apologetica, e Analytica pela ingenuidade da Pintura* pag. 47. E da falta de *Protecção*, he consequencia infalivel a falta de *instrucção* : bem o mostra Alciato no seu emblema 119.

Nota IV. pag. 10 *Que direi pois da gloria &c.* Os *Gnidenses*, sobre o facto referido em a Nota II., negando a *Nicomedes* a estatua, lhe respondêrão que *per, aquelle marmore erã celebres no Mundo.* Carducho. *Dialogos de la Pintura.* Dial. 6. pag. 97. citando Tarcañota lib. 15. E *Plinio* em o principio do Liv. 36. diz, que os habitantes de *Cbio* por baixo de huma estatua, puzerã alguns versos que diziaõ: *naõ ser a sua Uba sómente illustre pelas excellentes varões que produzia, mas tambem pelas obras dos Escultores, Filhos, e Discipulos de Antbermo.* D'onde se vê, que ha muitos seculos daõ honra, e gloria as bellas obras destas Artes, naõ só aos Authores que as produzem, mas até aos mesmos Povos que as conservãõ.

Nota V. pag. 16 *Devem saber tudo.* Impossivel he, com effeito, que hum homem só saiba todas as Sciencias, e Artes: porém essa falta he da fraqueza humana, e naõ das mesmas Sciencias, e Artes; que sãõ susceptiveis de toda a extençãõ: e a impossibilidade que se dá para saberem-se todas a fundo, naõ existe para ter de muitas sufficientes noções. Neste sentido he que fallou *Pamphilo, Vitruvio, &c.* E *Mengs*, ainda fallando em cousas tocantes á pratica da Pintura diz: *em huma arte de tanta vastidãõ, naõ*

*be possível que hum entendimento só, e limitada, possa abraçar tudo no mesmo gráo. &c. Tom. I. pag. 195. da Edição Italiana. Mas he certo, que o merccimento do sujeito, será proporcionado á quantidade que em si reunir das qualidades indicadas, e das luzes que tiver dessas mesmas qualidades. Hum Artista que desconhecer ao todo as Bellas Letras, e algumas cousas mais, por maior que seja a sua habilitade, e boa pratica, ainda que recorra a instrucções de algum Literato, ao tempo de querer compor, como este não sabe o que melhor convém ao bom esteito da Arte, não lhe pode sugerir (senão por acaso) idéas sufficientes para a boa composição grafica; ficando muitas suffocadas no proprio espirito do Artista, que se as desenvolvesse seriaõ bellissimas: porém ninguem pode cogitar em cousas que desconhece. O referido Sabio Mengs, T. II. pag. 95. diz, que *buma das causas porque na Grecia tomáram as Artes do Desenho melhor tom que no Egypto, foi principiarem por gente mais instruida.* E na pag. 144. diz, que *os Artistas, nas suas mesmas obras dão a conhecer se tiverão boa, ou má educação; se estudáram, e aprenderão, o que convinha á sua Arte; e quem vê essas obras com olhos intelligentes, conhece nellas essas qualidades.**

Nota VI. pag. 16 *Quantos, e quantos olháõ para os vossos filhos como para qualquer homem fabril &c.* Não pensaõ assim as pessoas de bom juizo, e instrucção. Mostrar a Nobreza das Artes do Desenho tem sido varias vezes assumpto de penas muito douras, tratando o ponto juridicamente. O Doutor Joaõ de Butron Professor de ambos os Direitos em Madrid 1626., deu ao Público *Discursos*

Apo-

Apologeticos, em que se defende a ingenuidade del Arte de la Pintura. Em Lisboa o Doutor Jozé Gomes da Cruz, escreveo a rogo do Pintor André Gonçalves *Carta Apologetica, e Analytica, pela ingenuidade da Pintura*: impressa nesta Cidade em 1752. Outros muitos, como se pode ver em *Carducho, e Palomino*, tem sido Chronistas, e Defensores destas Artes; das quaes fallando-se em huma, he o mesmo que fallar em todas, vista a sua identidade, e estar ainda por decidir qual dellas he mais nobre, e mais difficil. Nesta Cidade ainda se conserva em poder de alguns Professores trasladada em publica fórma, huma Sentença que no Reinado do Senhor Rey D. Pedro II. proferio o Desembargo do Paço contra o Senado, a favor da Nobreza da Escultura. As distinctas circumstancias que exigem estas Artes, as fazem dignas de estimaçãõ sem taxa; e por esta causa, aquelles conspicuos Ministros assim julgáraõ. Isto mesmo tem induzido tantos Sabios Principes a honrarem com tanta vantagem, e a enriquecerem com tanta profusaõ os bons Professores de quem se serviraõ; de cuja multidaõ de exemplos transcreverei alguns, para confirmar estas verdades.

Naõ fallando no que referem *Plinio, Eliano*, e outros, sobre a estimaçãõ que os Gregos, e Romanos fizeram de taõ bellas Artes, e dos seus Professores; logo que ellas principiáraõ a levantar-se das ruinas em que as sepultara a barbaridade, igualmente principiáraõ os Poderosos a distinguir os seus Artistas. Logo em *Gioto* (hum dos primeiros restauradores dellas) se vio brilhar a estimaçãõ, e protecçãõ; enchendo-o de honras, e riquezas.

• *André de Piza*, Escultor, Pintor, e Architecto, occupou em Florença lugares dos mais honrosos na Magistratura.

• O Papa *Eugenio IV.*, encheo de honras, e riquezas a *Bruneleschi*, Escultor, e Architecto: e em Florença o fizeraõ Magistrado.

• *Miguel Angelo Buonaroti*, nasceo Cavalheiro; e como já nesse tempo os Florentinos olhavaõ para as Artes com os olhos abertos, naõ lhe impediraõ seus Pais applicar-se a ser Artista; em cujos exercicios conseguiu muito maiores honras, e proveitos do que alcançaria, só pelo seu nobre nascimento. Elle chegou a huma grande, e geral reputaçã na Escultura, Pintura, e Architectura; e o merecimento que teve nestas Artes, lhe conciliou as mais distinctas honras. A primeira foi (sendo elle ainda muito mancebo) que hum de seus proprios Principes (*Loureaço de Medieis*) quiz ter o moço *Buonaroti* em seu Palacio, onde lhe destinou hum aposento distincto; deu-lhe a sua meza; e nella melhor lugar que a seus proprios filhos: assignou-lhe hum decente ordenado, que o generoso mancebo cedeo ao arbitrio de seu Pay: e neste tempo ainda o Artista naõ contava mais que 16 annos de sua idade. Os referidos premios, foram o fructo de huma só pequena obra de marmore que fez para o mencionado Principe.

O Papa *Julio II.*, pela pintura da Capella sixtina, o cumulou de honras, e riquezas. Foi estimadissimo dos Papas *Leão X.*, *Clemente VII.*, *Paulo III.*, e *Paulo IV.*; dos Duques de *Ferrara*, e de *Urbino*. *Julio III.*, na prefeença de doze Cardeaes fez sentar o Artista junto a si. Os Priu-

Principes da Casa *Medicis*, não cedêraõ a ninguem na estimaçã que fizeraõ delle. *Cosme I.*, indo a Roma, o fez cubrir na sua presença. *Octavio de Medicis*, quiz que o Artista fosse Padrinho de hum de seus filhos. *Francisco I.* Rey de França, fez grandes instancias pelo ter em sua Corte. *Carlos V.*, vendo este Artista, levantou-se, e disse-lhe, *Imperadores podem-se ver, mas hum vosso igual não.*

Este grande homem faleceo em Roma, e o Papa quiz que se enterrasse na Igreja de S. Pedro: mas o Grande Duque de Florença *Cosme I.*, fez que furtivamente se transferisse o corpo a Florença; e ahi foi sepultado na Igreja de S. Lourenço, onde se não enterraõ senaõ os Grandes Duques, e sua Familia. Fizerã-se-lhe Exequias taõ distintas, que até nesse dia se suspenderaõ os trabalhos públicos, como se fosse dia Santo.

* *João Lourenço Bernini*; chamado commumente o Cavalheiro *Berui*; pelo ser da Ordem de Christo: foi muito accito ao Papa *Gregorio XV.*, que lhe conferio penções consideraveis, por alguns bustos da sua familia, que *Bernini* lhe executára em bronze, e marmore: e o criou Cavalheiro da dita Ordem.

O Cardeal *Maseo Barbarini*, Protecõr deste Artista, chegando a ser Papa, com o nome de Urbano VIII., mandou chamar *Bernini*, e lhe disse: *Vós sois feliz em ver o Cardeal Maseo Barbarini elevado ao Pontificado: mas elle reputa a sua silicidade maior que a vossa, por viver Bernini em seu Reinado.*

Completando *Bernini* o Baldaquino da Igreja de

S. Pedro, quiz o referido Santo Padre premia-lo: perguntou a hum de seus Cortezãos, que lhe parecia se desse de premio ao Artista? E como o mesquinho ignorante respondeu que *humma cadêa de ouro do valor de quinbentos ducados* (pouco mais de dois mil cruzados) *Está bem* (lhe tornou o Papa ;) *a cadêa será para vós , e o ouro para Bernini*. Fez dar ao Artista vinte mil cruzados ; augmentou-lhe as pensões consideravelmente ; deu a hum de seus Irmãos hum Canonicato em S. Joã de Laterano, e a outro hum Beneficio em S. Pedro.

Carlos I. Rey de Inglaterra , quiz hum busto do seu retrato , feito por *Bernini* : em premio lhe mandou hum anel avaliado em 60 escudos (*doze mil cruzados*) e disse ao mensageiro do presente : *Ide coroar a mão do Escultor que fez taõ bello Busto*. E o anel , hia acompanhado de varias joias mais de avultado preço.

O Cardial *Mazarini* , sollicitou com efficacia que este Artista entrasse no serviço de ElRey de França, offerecendo-lhe de ordenado 120 escudos Romanos (*vinte e quatro mil cruzados*). Porém o Papa não consentio, dizendo, que *Bernini* fora feito para Roma , *assim como aquella Cidade para elle*.

O mesmo *Urbano VIII.* estimou tanto este Professor que chegou a ir visita-lo a sua casa , acompanhado com dezaseis Cardiaes ; não obstante advertir-lhe o seu Mestre de Ceremonias , que semelhante familiaridade era contraria á Magestade Papal. O Papa *Alexandre VII.* , tambem o visitou duas vezes em sua casa ; e *Clemente IX.* , fez o mesmo.

Luis

Luis XIV., dezejnndo que *Bernini* assistisse aos principios de hum Palacio, para que este Artista lhe déra os desenhos, de cuja perfeição o Rey estava gostoso em extremo, escreveu ao Papa com o maior empenho, pedindo-lhe consentisse que *Bernini* chegasse a Pariz; e ao Professor escreveu outra carta, summamente honrosa, convidando-o para isto, e dando-lhe por conductor na viagem seu proprio Primo o *Duque de Crequi*; o qual tendo-se já despedido de Sua Santidade para partir para França, como recebeu esta ordem do Rey, tornou a buscar o Papa: foi com o fausto de grande Ceremonia para pedir-lhe solemnemente esta graça; e obtida foi com a mesma pompa a casa do Artista entregar-lhe a Carta do seu Soberano, e tratar com elle da partida. *A esta viagem de Bernini* (diz o Historiador) *se podia dar o nome de marcha triumphal.* O Gran-Duque de Toscana lhe mandou fazer huma entrada pública em Florença. Em Turin recebeu o Artista as mesmas honras. O Nuncio Apostolico, então residente em Pariz, ao tempo da sua chegada sahio a recebe-lo fóra da Cidade, e o conduzio á presença do Rey.

A generosidade com que *Bernini* se portou a respeito dos desenhos de *Mr. Perrault*, foi causa de que em França não fizesse cousa alguma em Architectura, sim principal para que ali fóra conduzido. Fez unicamente o Busto do Rey em marmore. Isto não obstante, o *Grande Luis*, nos oito mezes que esteve o Artista na sua Corte, mandou-lhe dar cinco luizes por dia (*dezanove mil e duzentos réis*) para os seus gastos domesticos: no fim lhe fez hum presente de cincoenta mil escudos de França (*sessenta mil*

cruzados): huma pensão annual de seis mil livras (*novecentos e sessenta mil réis*); e outra de quinhentos escudos ditos (*duzentos e quarenta mil réis*) para hum filho que levára comfigo.

Ultimamente, finalifou este Artista a vital carreira cumulado de honras , e riquezas. Dizem deixára huma herança de quatrocentos mil escudos Romanos (*oitocentos mil cruzados*); e dando esta noticia á grande *Cbristina* , Rainha de Suecia , que então residia em Roma , esta singular Princeza respondeo: *Se Bernini tivesse vivido empregado no meu serviço , eu teria pejo de se lhe acabar tão pouco.*

* *Pellegrino Pellegrini Tibalde* , tendo acabado os serviços que fez a Philippe II. no Escorial , se retirou com as riquezas que lhe deu aquelle Monarca , avaliadas em mais de quatrocentos mil cruzados. E além disto lhe fez mimo do Territorio de *Valsoda* , sua patria ; erigindo-o em Marquezado para este Artista.

* *Paulo Guidotti* , Pintor , Escultor , e Arquitecto foi criado Cavalheiro da Ordem de Christo , pelo Papa Paulo V. : e nomeou-o Conservador do Capitolio ; que he hum dos principaes Magistrados de Roma. E isto , por hum gruppó de marmore de seis figuras de sua invenção , e de que elle fez presente ao Cardial *Burguesi*.

Para não ser prolixo deixo os *Rubens* , os *Ticianos* , os *Dureros* , e outros , feitos Embaixadores , Condes , Grandes do Sacro Imperio , Apofentadores Múres , &c. , e remeto quem quizer mais individuaes e amplas noticias , a todos os Authores já nesta Nota citados ; á obra
inti-

intitulada *Vies des Architectes*; a *Vasari*; a *Fr. Andre Ximenes*, no fim da sua *Descripção do Escorial*; e aos Dictionarios das Artes, e dos Homens grandes.

A estimaçãõ, e Protecçãõ a estas Artes ainda hoje se acha em alguns Principes, e Grandes, que se prezãõ de ser Protectores, não sãõ de hum homem abalilado, mas ainda melmo de qualquer mancebo em que achãõ disposições, que alentem esperanças. Mas ha tambem pessoas ao contrario, que não sãõ deixaõ de proteger, mas até parece fazerem timbre de abater o merecimento; não sãõ onde apparece delle algum relampago, mas ainda mesmo onde brilha sem intervallos.

He verdade que não pode, nem deve ser honrarem-se, e felicitem-se os Artistas todos sem escolha. As distincções devem-se com effeito conferir aos que tambem se distinguem em talentos, e bons costumes: porém, julgar a corporaçãõ de qualquer destas Artes na ordem mecanica, he manifesta estupidez.

Nota VII. pag. 16. *Sim Philosophico*. O grande Philosopho *Socrates*, não sãõ foi filho de Escultor, mas elle mesmo tambem: e entre as suas obras de Escultura foi celebrado hum gruppõ das tres Graças. Quando se dedicou de todo á Philosophia, confessava *dever á Escultura os primeiros ensaios Philosophicos*. *Encyclop. Tom 14. Artic. Sculpteurs Anciens*.

Nota VIII. pag. 18. *Se nos sujeitos que imita não mostra com verdade os caracteres que lhes competem &c.* Esta conformidade he a essencial, e mais difficil de conseguir: mas ainda ha outra a que se pode chamar accessoria;

„ a escolha dos assumptos proprios dos lugares onde se
 „ expressão „. *Carducho*, nos seus *Dialogos de la Pintura*,
 Dialogo VII. pag. 110. , dá indicios de censurar a
Caxesi, pintar na galaria de huma Rainha, a escandalosa
 resolução da mulher de *Putiphar*, com o *Casto José*.
 Semelhante absurdo commetteu outro Artista em hum Pa-
 lacette para residencia de hum Principe Ecclesiastico, (e
 que nem para o futuro devia ter outro destino) represen-
 tando em todos os rectos assumptos fabulosos: como se no
 Velho, e Novo Testamento, e na Historia da Igreja, não
 houvessem milhares de sujeitos instructivos, e proprios do
 referido lugar. Eis-aqui huma das resultas da falta de in-
 tracção, e de não *philosofar* nestas Artes. E quando o
 Professor he tão leigo que se precipita em taes quedas,
 tambem se não livra da justa censura quem lhas consente.

Nota IX. pag. 23. *De que me serve ouber a boca
 de Volpato?* Não pertendo negar que sirva de grande uti-
 lidade ter hum Mestre sabio, e de *Bom-Gesto*. Porém pou-
 co, ou nenhum proveito ha de tirar da sua escola o Dis-
 cipulo que for inhabil, ou preguiçoso, ou dado a desfor-
 dens.

Nota X. pag. 25. *Considerando a distincção de cada
 hum, para lhe applicarem a Ordem competente &c.* A fal-
 ta desta consideração, ou talvez a ignorancia, foi causa de
 se fazer da Ordem *Composita* a fachada de hum Edificio
 destinado para recolher armas, e mais munições de Guer-
 ra. Os Sabios Antigos nunca empregavam nos Edificios
 de *Marte* a mesma delicadeza, e elegancia que nos de *Ve-
 nus*, e *Juno*.

Além

Além da analogia que o Edifício deve ter com o seu objecto , quando o Monumento contém *exteriores*, e *interiores*, havendo-se de ornar os *interiores* com as Ordens , he contrario á razão , e a Natureza empregar-lhe nos *exteriores* as Ordens *Corinthia*, ou *Composita*. Qual ha de ser então a Ordem mais rica para decorar os lugares de maior decencia? *

A Natureza , seguindo a regra que lhe deu o Supremo Artifice , infinitamente Sabio , obra bem diversamente. Discorra-se os tres Reinos *Animal*, *Mineral*, e *Vegetavel*, acharemos em quasi todos os corpos guardada esta ordem : as cortiças das arvores ; as cascas dos fructos ; as pelles dos animaes aquaticos , e terrestres ; as terras que cercão os metaes , e pedras exqueltas ; não mostrão isto mesmo?

Já não he assim em hum *Portico* , em hum *Arco Triumfal* , em huma *Fonte Publica* &c. , cujos Edifícios , o seu principal objecto he o *exterior* apparatus : e na mesma Natureza temos exemplos para regular estas *exterioridades*. O principal destino das flores , e ainda de muitos volateis , não he o servirem de ornamento ? Por essa causa no *exterior* tem a sua maior pompa.

Nota XI. pag. 31. *Huma Basilica das Bellas Artes*. Por huma especie de metaphora erudita , se tem varias vezes chamado *Arcopagos* , a lugares destinados a conferencias Scientificas. A mesma razão me induzio a usar do termo *Basilica* , fundado na origem que ellas tiverão : porém

* Desta oppiação he tambem *Mr. De Cordemoy*. *Novveau Traité de toute l'Archit.* 3. P. de pag. 179. para 180.

como haverá muitas pessoas que me criminem usar desta palavra, não se lembrando mais que da presente destinação das *Basilicas*, devo transcrever o que em Vitruvio diz *Mr. Perrault*. Liv. V. Cap. I. pag. 148. Nota V. *As grandes, e espaçosas Sallas, que se chamavam Basilicas, foram assim primeiramente chamadas, porque eram feitas para juntar o povo quando os Reis por si mesmos administravam justiça. Depois, quando foram deixadas aos Juizes, também se estabeleceram nellas os Negociantes; e em fim se tomaram para servirem de Igrejas aos Christãos.* Na *Encyclopedia*, *mot*, *Basilique*, se vê maior erudição desta palavra: porém para o meu ponto, bastará transcrever o seguinte. *Basilica, palavra tirada do Grego, que quer dizer Casa Real: era em Roma hum Edificio público onde se administrava justiça a cuberto; o que a distinguia do Foro, Praça pública, onde os Magistrados faziam suas assembleas em ar livre &c.*

Nota XII. pag. 32. *Na Real presença.* Os Principes de Alma grande communicam os reflexos da sua grandeza a todas as instituições dos seus Estados. Na *Grecia*, chegaram as *Bellas-Artes* ao seu auge, no tempo de *Alexandre*. Em *Roma*, fizeram os seus progressos no tempo de *Augusto*. Em *França*, no de *Luis XIV.* Em *Italia*, foram os *Medicis*, os que as reluzitaram. E que não devem os Portuguezes esperar no feliz Reinado em que ao presente vivem?



<http://biblioteca.ciarte.pt>